

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL- UAB

SÔNIA ALVES FEITOSA SOMAVILLA

O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA ALUNOS SURDOS DO ENSINO
MÉDIO REGULAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Artes Visuais da Universidade De Brasília-UnB e Universidade Aberta Do Brasil- UAB, para obtenção do grau de licenciado em Artes visuais.

Orientador: Dr. Emerson Dionízio Gomes de Oliveira

POSSE – GO

SETEMBRO/ 2014

RESUMO

O presente projeto pautará na apresentação de uma pesquisa realizada a partir do estudo e uso de estratégia para diagnosticar os desafios e as perspectivas do ensino de Artes para alunos surdos do ensino médio regular. É sabido que a inclusão do aluno surdo no ensino regular foi aprovada pela Lei número 10.436 (Brasil, 2002) e regulamentada pelo Decreto número 5.626 (Brasil, 2005). Entretanto a inclusão de certa forma pode gerar a exclusão, os alunos surdos não possuem competências linguísticas que um falante nativo da língua possui. Para eles, Libras é um recurso indispensável para a comunicação, e para o processo ensino-aprendizagem. Desta forma, geram-se dicotomias: inclusão x exclusão, deficiência x diferença.

Os alunos com deficiência auditiva não aprendem Artes no Ensino Médio regular com eficácia, sua capacidade Lingüística e visual não são valorizadas e nem respeitada, não se considera neste contexto a subjetividade e o olhar atípico do aluno surdo. Analisar este cenário atual é muito pertinente e extremamente necessário.

Palavras-chave: surdos; ensino de Artes Visuais, escola regular, inclusão, libras.

ABSTRACT

It is known that the inclusion of deaf students in regular education was approved by Law No.10,436 (Brazil, 2002) and regulated by Decree number 5626(Brazil, 2005). However the inclusion of certain shape can generate exclusion, deaf students have no language skills to a native speaker of the language features. Thus, it generates dichotomies: deleting x inclusion deficiency x difference.

Students with hearing impairment do not learning High School Arts regulate effectively, its ability Linguistics and visual are not valued no respected, not considered in this context and subjectivity atypical look of deaf students. Analyze these current scenarios very relevant and extremely necessary.

Keywords: Deaf; Teaching Visual Arts, regular school inclusion pounds.

SUMÁRIO

Introdução.....	05
1. Inclusão e Surdez: definição e perspectiva histórica.....	07
2. Inclusão versus exclusão nas salas regulares das escolas públicas.....	10
3. Artes visuais: algumas considerações.....	13
4. Os desafios da inclusão no ensino de Artes Visuais.....	14
5. Metodologia.....	16
6. Apresentação e análise dos resultados.....	19
7. Conclusão.....	21
8. Referências.....	22
Anexos.....	24

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema “O Ensino de Artes visuais para alunos surdos do ensino médio regular: perspectivas e Desafios” com o objetivo de analisar déficits encontrados no ensino de Artes para alunos surdos do ensino médio regular, trazer novas reflexões sobre a temática e fazer um diagnóstico sobre o ensino de Artes no ensino médio regular com dois alunos surdos de uma escola pública no ano de 2014.

É pertinente frisar que o processo ensino-aprendizagem muitas vezes direciona-se para os ditos “alunos ouvintes”, não atendendo desta forma as particularidades e necessidades que existem nesta esfera, no que se aos casos especiais. O que é notório em alguns casos é que não há formação e muitas vezes o despreparo profissional por parte de alguns educadores gerados pelos desconhecimento da surdez e de práticas adequadas para atendimento desta clientela acaba por negar este ensino. Neste sentido a experiência nos mostra, bem como alguns educadores afirmam que alunos com deficiência auditiva apresentam dificuldades no processo de aquisição do conhecimento do ensino de artes no Ensino Médio regular, evidenciando neste patamar a dificuldade de se trabalhar Artes com estes alunos, bem como traçar novas perspectivas de forma a propiciar um ensino de qualidade com eficácia e significação.

Diante do exposto faz-se necessário e pertinente a abordagem desta temática que por ora fica às margens do processo ensino-aprendizagem no sistema educacional público, onde deve ser minimizado o preconceito e analisado os paradigmas existentes acerca da surdez, uma deficiência sobre a qual pouco conhecemos e em prol de uma educação digna e de qualidade para estes, é fundamental que se pense em políticas públicas no que cerne a preparação adequada dos profissionais dessa instituição.

A declaração do Salamanca afirma que, “independentemente de sexo, cor, raça e religião tem direito fundamental á qualquer criança educação e que a elas devem manter e assegurar a oportunidade de terem acesso ao conhecimento de maneira igualitária” (1997 p 99).

A inclusão do aluno surdo no ensino regular foi regulamentada pela Lei número 10.436 (Brasil, 2002) e aprovado pelo Decreto número 5.626 (Brasil, 2005). Todavia o que se nota é que a inclusão gera a exclusão. Os alunos com deficiência auditiva não possuem

as mesmas competências linguísticas e visuais que um aluno ouvinte possui. Para esses, Libras é um recurso indispensável na comunicação.

Durante muito tempo retratou-se que as pessoas com deficiência auditiva eram consideradas incapazes, sofreram e sofrem muita discriminação, apesar de dados comprovarem e contestarem através de argumentos fundamentados, o contrário. A condição de comunicação e interação não está associada essencialmente ao processo de verbalização, uma vez que é possível comunicar-se de diversas formas e através das várias linguagens existentes, seja visual ou não.

Ao abordar este tema procuro, sobretudo, observar, diagnosticar e viabilizar propostas de intervenção no que cerne ao processo de ensino aprendizagem do ensino de artes para alunos surdos. É inquestionável que o aluno surdo deva ser inserido no ambiente escolar regular, mas por outra análise é prioritário que esta inserção aconteça de forma significativa no que tange a aprendizagem e formação cidadã dos mesmos como seres ativos e protagonistas do processo em consonância com a formação dos educadores aspirando ao acesso destes alunos em cada área do conhecimento.

O que se pretende nesta problemática é discutir o ensino de Artes para alunos surdos do ensino médio regular, vislumbrando à melhorias na educação diante dos desafios evidenciados e conseqüentemente incitar a formação de profissionais para esta demanda real e vigente da educação especial, com perspectivas consolidadas na promoção de um ensino que se pautar na formação de sujeitos críticos-reflexivos e agentes na sociedade da qual fazem parte.

Em síntese, é fundamental perceber e traçar os desafios e as perspectivas do ensino de Artes para alunos surdos no processo de aquisição do conhecimento através de diversas reflexões de forma que a escola atual possa repensar as práticas de inclusão por meio do ensino de artes, uma vez que este é capaz de oportunizar o saber objetivo e subjetivo das realidades, através de distintas habilidades e práticas de leitura visual (como, onde, e por que lê?). Nesta perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo elencar os desafios e as perspectivas que os professores de artes visuais e estudantes surdos enfrentam no processo regular e de educação inclusiva. Buscou-se entender os desafios na construção do saber visual e a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e do intérprete de Libras.

1. INCLUSÃO E SURDEZ: DEFINIÇÃO E PERSPECTIVA HISTÓRICA

É sabido que os alunos surdos são excluídos dos processos culturais, sociais e que desta maneira automaticamente são isolados e excluídos das vivências escolares e sociais. Perdem por sua vez, portanto, a oportunidade de inferir e participar das tomadas de decisões, sejam estas de âmbito pessoal ou coletivo, justamente por serem vistos com um sentimento de piedade e como anormalidade da natureza decorrente de questões culturais.

Nota-se que a surdez pode se manifestar de duas maneiras: a congênita e a adquirida; Congênita, quando acontece na gestação, através do uso de alguns medicamentos, principalmente os otológicos, que servem para o tratamento de doenças como: sífilis, herpes, diabetes, sarampo, pressão alta e toxoplasmose, também por exposição à radiação, problemas no parto, infecções hospitalares, motivos hereditários, nascimento antes do tempo e falta de oxigenação na hora do parto.

Caso seja causada por doenças, a surdez é denominada de percepção ou neurosensorial, ocorre por uma lesão nas células nervosas e sensoriais que levam o estímulo do som da cóclea até o cérebro, raramente doenças que danificam a cóclea e o nervo auditivo têm tratamento.

A perda auditiva por condução é quando existe algo que bloqueia a passagem da orelha externa para a interna, diagnosticada, pode ser revertida por meio da cirurgia ou por medicamentos, há também a surdez central, sendo esta um processo natural que acontece com o envelhecimento. (COMITÊ NACIONAL DE RUÍDO E CONSERVAÇÃO AUDITIVA, SEÇÃO I, ANEXO I DE 1994).

A integração dos surdos na sociedade dos ouvintes é necessária, por pensar nesse fato, busca-se desde 1970 a socialização no ensino regular, para que haja uma construção de identidade. A inclusão do surdo no ensino regular foi aprovada pela lei número 10.436, (BRASIL, 2002) e pelo decreto número 5.626, (BRASIL, 2005), garantindo ao surdo o direito ao atendimento em escola de ouvinte que regulamenta a inclusão dos alunos surdos, o qual deve ser feito com o apoio de professores bilíngues na educação infantil, na I e II fase do ensino fundamental e médio com interpretes de libras.

A constituição Federal de 1988 no capítulo II, artigo 208 inciso III diz que é dever do Estado com a Educação garantir o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiências, principalmente na rede regular de ensino.

As pessoas surdas acabam prejudicadas no processo social, onde as dificuldades encontradas na comunicação dependem do grau da deficiência auditiva, de sua competência linguística, do ganho protético que teve ao longo do tempo e de condições educativas.

No mundo, a educação dos surdos deu início em meados do século XIX. Em 1855 houve o primeiro relato de educação dos surdos no Brasil, viabilizado pelo professor surdo francês Ernest Hueto o qual veio para o país, a mando de D. Pedro é criado o primeiro Instituto Nacional dos Surdos, o Instituto Inês, no qual se empregava a Língua de Sinais. A inclusão dos deficientes aconteceu no Brasil a partir das últimas décadas, com a Declaração do Salamanca em 1994, uma conferência realizada na Espanha com representantes de todo lugar. (GOLDFELD, 2002)

O século XVIII é visto como período mais produtivo na educação dos surdos, tanto no que se refere à qualidade quanto à quantidade, onde se padronizava o processo de comunicação que seria logo “comercializado”, seria o novo modelo do mercado de trabalho.

Na história da educação dos surdos o oralismo perdura mais de 100 anos, depois veio à comunicação total, defendendo o uso de qualquer recurso que pudesse permitir a interação e a transmissão de mensagem, dando origem assim ao Bilinguismo. O oralismo visa à inclusão do surdo na comunidade de ouvintes para desenvolver a linguagem oral e visual. A surdez é vista como uma deficiência, que deve ser reduzida por meio de estímulos auditivos e visuais e desta garantir seu ingresso social no universo ouvinte, direcionando a suposta normalidade padrão e ensinando a língua e que não é a materna.

Segundo parâmetros apresentados, relata-se que “deficiência” é fácil de ser diagnosticada, dependendo da observação dos pais na reação das crianças com os sons, porém na dúvida em relação à deficiência, é preciso procurar rapidamente a ajuda de profissionais como Otorrinolaringologia e fonoaudiologia, para um laudo correto. Conforme a medicina afirma a prevenção é a melhor saída para evitar “a doença”, uma alternativa segura é a mulher tomar a vacina contra a rubéola.

A redução dos efeitos da surdez e a aquisição da linguagem podem ser percebidas graças aos avanços tecnológicos para a amplificação acústica, implantes cocleares e aparelhos auditivos digitais. Atualmente a maioria dos jovens pode chegar a níveis de aquisição da linguagem oral e escrita próxima aos falantes, desde que percebida precocemente e as limitações físicas forem as de menores graus de perda auditiva.

Segundo estudos da medicina existe uma solução para a surdez, o implante coclear, que segundo Roots (1999, p.67) “seria algo parecido a um ouvido biônico, diretamente implantado na cóclea, que estimula “poucos nervos” por impulsos elétricos”. Para um grupo de integrantes da comunidade surda, a surdez é questão de nível social decorrente de padrões históricos que deve passar de condição patológica para de fenômeno social, ou político social, mas que certamente não afeta a inteligência intelectual que por sua vez é notório o desenvolvimento destes alunos no processo ensino-aprendizagem de maneira muito peculiar. Oferta-se a escola neste sentido os desafios e as perspectivas para a promoção do conhecimento com toda a sua complexidade neste caso em específico o ensino de artes visuais.

A maioria dos surdos não se pode comunicar por meio da oralidade, usando os sinais, no Brasil a libras, sistema que se define por meio da linguagem visual gestual. A fala é diferente para eles, sendo egocêntrica, individual, muito complexa e ao mesmo muito objetivo. Diante dessa perspectiva, Vygotsky (1989 p.20) reitera que há “três tipos de falas: social, egocêntrica e interior, o surdo não pode se comunicar por meio da oralidade, se comunica por sinais”. Afirma:

A fala é a produção da linguagem pelo falante nos momentos de diálogo social e interior, pode utilizar tanto o canal audiofonatório, quanto o espaço-viso-manual. (VIGOTSKY, 1989, p. 12)

A fala além de ser utilizada como uma produção de linguagem pelo falante nos momentos de conversação tanto socialmente como individualmente, pode ser considerada também pelo canal viso-manual, entra uma nova forma que todos utilizamos sem perceber, mais de suma importância para os deficientes auditivos, a língua através de sinais, que não utiliza o canal áudiofonatório.

A maioria dos surdos não possui nenhuma deficiência no aparelho fonador, não conseguem desenvolver a linguagem por não poderem ouvir. Vivem em um mundo complexo, sendo minoria no grupo linguístico do qual faz parte, são submetidos a participarem de uma sociedade que ainda não aprendeu a incluir as diferenças, que tem sua cultura formada, e obrigam a serem bi culturais apesar de não conviverem e internalizarem muito bem o meio o qual faz parte.

Para entender o universo da surdez temos que compreender primeiramente o que é a linguagem e a sua relação com o sujeito e o objeto sugerido. No campo da linguística a

surdez é analisada como um produto social e objeto de conhecimento pelos sujeitos. Já para os empiristas ela precede o caráter da linguagem em relação ao sujeito. Assim,

O estudo que aborda a relação da linguagem com o homem, observando conceitos de trabalho, instrumento e cultura como um processo de natureza histórico - cultural, é uma voz adquirida, tem papel constitutivo, planejador e organizador do pensamento. (VYGOTSKY, 1984, p. 20).

A conceituação é questionável quanto à terminologia, de deficiente auditivo para surdo. Anteriormente a surdez era definida como uma deficiência e uma patologia sem cura. Hoje são percebidos como pessoas diferentes, pertencem a uma comunidade que utiliza um meio comum de comunicação, uma língua, uma cultura própria. Para (BOURDIEU, 1998, p.224), “é uma definição arbitrária - social que se baseia na imposição de traços que supostamente unem os indivíduos: língua, roupa, consumo e hábitos culturais”.

Independentemente do conceito utilizado para a surdez, diferença ou deficiência, deve-se reconhecer suas peculiaridades, valorizar suas competências e habilidades. São pessoas com sonhos comuns, olhares diversos e muito subjetivos de uma determinada realidade, não diferente de todos àqueles que querem ser compreendidos e percebidos pela sociedade em que vivem.

2. INCLUSÃO VERSUS EXCLUSÃO NAS SALAS REGULARES DAS ESCOLAS PÚBLICAS

Em pleno século XXI discute-se muito sobre a importância da educação inclusiva e conseqüentemente acerca dos desafios e das perspectivas desta frente ao processo de ensino aprendizagem regular.

Os deficientes auditivos são excluídos da sociedade competitiva, se tornam meros espectadores do palco de transformações que ocorrem no mundo, é mais fácil fingir que estão inseridos nela, dando empregos, cotas em universidades, colocando os nas listas de programas governamentais e nos bancos das escolas regulares para propiciar a inclusão, sem preocupar se estão sendo bem sucedidos nesses processos. Muitas vezes, os surdos não entendem esse novo universo que estão inseridos, não se envolvem por falta de oportunidades, e assim não progredem em suas capacidades sócio - cognitivas linguísticas.

A inclusão com o sentido apenas da inserção do aluno na escola regular sem atender as suas especificidades gera a exclusão, os alunos com deficiência auditiva não possuem as mesmas competências linguísticas que um falante nativo da língua possui. Para eles Libras é uma sinalização indispensável à comunicação. Na escola a língua de sinais é utilizada somente entre a intérprete e o surdo, não compreendem o português, os seus elementos conectivos dos discursos e a semântica de várias palavras, onde a maioria dos morfemas não tem significação nenhuma no seu eixo vocabular.

O surdo em uma sala regular tem várias dificuldades no processo ensino aprendizagem de Artes. Mesmo com um intérprete, a preparação do professor não é suficiente para atender as perspectivas de aprendizagem. As aulas não desenvolvem as competências necessárias para seu preparo social, cultural e emocional, pois é voltada apenas para os ouvintes. O modo como a surdez é vista socialmente, é com indiferença e descaso, influencia na concepção de identidade que prevalecem nos preceitos educacionais.

A linguagem oral possui o poder de transformar um indivíduo em sujeito, de construir cultura, ditar personalidades, expressar emoções, sentimentos e desejos, através dela o sujeito é capturado pelo simbólico, tudo pode ser compreendido através da comunicação. No contexto educacional, devem ser disponibilizadas duas línguas para pessoas surdas: a de sinais e o Português. Existe uma diferença, um desprestígio social com a Língua de Sinais (Libras) nas escolas, por não compreenderem sua dimensão linguística e psíquica.

A inclusão trouxe benefícios para várias outras deficiências, porém para os surdos acabaram por continuar as condutas consideradas normalizadoras, passaram por vários constrangimentos e humilhação historicamente. No âmbito escolar a inclusão significa a assimilação do surdo ao padrão ouvinte-falante, desconsiderando sua subjetividade e cultura.

Há uma disputa entre duas correntes de conhecimento voltadas para surdez: o oralismo que tenta possibilitar o desenvolvimento da fala, contando atualmente com recursos tecnológicos para induzir a audição; e o Bilinguismo que coloca a Língua de Sinais como língua materna e postulando a este uma cultura específica. Nestas correntes predominam duas áreas distintas: a da saúde e a pedagógica, ambas preocupam-se com a defesa da sua cultura e enfatizam os aspectos formais da linguagem.

Quando descoberta a surdez, a família perde a maioria das expectativas sobre seus filhos, há um choque emocional antes da aceitação. “A perda auditiva

existe e não é uma invenção dos ouvintes, por isso deve ser solidamente enfrentada” (BUENO, 1998, p.6).

Para a pessoa surda que conhece apenas a linguagem de libras é necessário o uso de um intérprete para mediar sua comunicação com os ouvintes no processo ensino – aprendizagem e para repassar informações do professor regente. É preciso compreender o surdo como um grupo que possui uma grande diversidade entre eles. A sensibilização e o respeito são essenciais para a construção de ideologias que elimine as barreiras que pesam sobre a comunicação surda.

A socialização de alunos surdos na modalidade regular deve ser embasada em estratégias e procedimentos integradores, mas isso de fato não acontece. Na escola inclusiva há uma grande evolução na aquisição da linguagem oral e escrita, pois se integram num meio natural que respeita a sua diferença. A este respeito Rocha Coutinho (1986) considera que:

A língua falada sempre será um fenômeno estranho para o deficiente auditivo, nunca será algo natural. Os deficientes auditivos, provavelmente exprimem um grau considerável de ansiedade ao usar a língua oral porque eles não têm nenhuma forma de controlar a propriedade técnica e social da sua fala, exceto através de movimentos labiais e da reação das pessoas a sua fala. (...) (ROCHA COUTINHO, 1986, pp. 79-80).

É indispensável à existência de diferentes opções de ambientes educativos em prol de atender as necessidades que o indivíduo apresenta, cabendo a ele decidir em que grupo institucional quer está inserido, a área linguística que quer desenvolver a comunicação, o psíquico e a aquisição da linguagem.

Nos bancos escolares muitos professores não estimulam o desenvolvimento comunicativo, nem o linguístico, restringe este à utilização ativa de artes visuais e não propõe atividades de grupo para que conviva e perceba os falantes. Geralmente o professor não se adequa a realidade comunicativa do educando surdo e muito menos deposita expectativas nele. O ideal seria que o professor trabalhasse atividades que promova o respeito à diversidade cultural, facilitando o processo interacional e comunicacional em relação ao ensino de artes e suas habilidades com os surdos, numa troca constante de conhecimento e transformando - os em sujeitos sociais.

As políticas públicas pregam vários discursos utópicos sobre a inclusão dos surdos no ensino regular com um discurso de multiculturalismo e solidariedade, sem preocupar no valor de exclusão que assombra esse campo educacional, que antes era de exclusão física e agora é realizada de modo sutil, com a sua presença na escola. Ao mesmo tempo em que pregam princípios de equiparação impossibilitam o direito de participação nas atividades sociais de maneira igualitária.

É importante frisar que incluir nesta perspectiva significa respeitar e valorizar diferentes modos de vida, num processo de interação entre professor, intérprete e aluno em busca do conhecimento e da sua formação como sujeito e cidadão. A escola precisa levar em conta três critérios básicos na sua organização: a interação através da língua de sinais, a valorização de conteúdos escolares e a relação conteúdo-cultura surda. Inclusão e exclusão, dicotomia que opera simultaneamente, não são produtos de causa e consequência, o fato de ser surdo e não ouvir não significa estar excluído do universo auditivo, mas sim possuir uma limitação linguística.

Diante do pressuposto as exclusões escolares e sociais podem ser amenizadas se houver uma educação inovadora e séria, que compreenda fatores de ordem individual, e análise de todas as esferas sociais, sendo a escola uma das principais representações da estrutura social e um espaço de transformação.

3. ARTES VISUAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As Artes Visuais elucidadas por Pillar (1990, p. 74) reitera a importância do ensino desta modalidade de Artes através das linguagens artísticas. A autora afirma que

(.) mais do que apenas impressões deixadas pela criança sobre os materiais, os desenhos, as pinturas, as construções representam o seu desenvolvimento de construção e aquisição do saber intelectual, emocional e perceptivo da realidade, em que são seres construtores de realidades”.

O Processo ensino-aprendizagem no que refere à disciplina aula de Arte o indivíduo se percebe, se conhece e se relaciona com outros de distintas e diversas realidades. Segundo Costa (2000) é extremamente importante à abordagem e o trabalho de arte com alunos que apresentam alguma deficiência, com o propósito de promover e incitar

a criatividade, formando sujeitos mais sensíveis às vivências sociais, individuais ou coletivas, descobrindo-se.

Frente ao exposto o autor apresenta e explicitamente que é a escola, neste caso, o ensino de arte é estabelecido e norteado pelas diretrizes, de forma sistematizada, tem a função de oferecer um ensino de arte que possibilite a expressividade de forma livre e subjetiva, instigando assim o olhar voltado para o seu próprio “eu”. Arte é assumida então a forma de expressão mais espontânea, pressupondo que a livre expressão propiciada através das Artes Visuais implica o conhecimento do nosso “eu”: conhecer pensamentos, vontades, anseios, riscos, medos e ansiedades.

4. OS DESAFIOS DA INCLUSÃO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

A proposta da educação inclusiva elenca questionamentos concernentes ao processo educacional como um todo e em específico, muitos desafios ao ensino e aprendizagem de Artes, para que se consolide efetivamente uma educação (de artes visuais) no nosso ambiente escolar.

“Através da arte o homem interpreta o mundo, expressa seu imaginário e exerce sua linguagem, fazendo uso da imaginação e da interação” (DOS ANJOS, 2008, p 99). Desta forma não diferente dos outros alunos, os surdos, se definem de forma subjetiva, cria-se verdades e realidades, apresenta-se seus sentimentos, se expressa. Logo, penetra-se em universos peculiares da cultura surda, compreendem diversas concepções. Sua identidade constitui-se neste processo de inter-relação com outros discursos e com o contato com outras culturas.

A arte é um mecanismo fundamental da identidade surda, por meio de diversos portadores, por meio das pinturas, das filmagens, do teatro. A arte é capaz de elucidar a subjetividade do surdo, caracteres próprios de sua cultura, representando suas experiências e seus anseios por meio da experiência visual. Perlin aponta que

O contato do sujeito surdo com as manifestações culturais dos surdos é necessário para a construção da sua identidade, caso contrário, sua experiência vai torná-lo um sujeito sem possibilidades de auto identificar-se como diferente e como surdo, ou seja, com determinada identidade cultural. (2000, p.24).

As artes, principalmente as visuais, são capazes de incitar mudanças e criar novas realidades abstratas e ou concretas. A imagem, concebida através de diversos portadores, podem ser utilizadas como elemento de reflexão de realidades, utilizada, por exemplo, como ferramenta pedagógica capaz de acessibilizar o saber de outras culturas, as quais muitas vezes o aluno surdo desconhece.

Através das Artes o ser se comunica no dado momento de sua construção, refletindo automaticamente a inerência de seu olhar, percepções, e sua visão opinativa da realidade que o circunda. Os estímulos visuais são importantíssimos na cultura surda, uma vez que estes são as principais ferramentas de comunicação e interação, pois sua análise de mundo se dá pela imagem, além de propiciar o saber crítico, estimula também a criatividade e integração nas atividades culturais que a escola promove. Neste caso passam-se a apresentar para outro mundo, inserindo assim suas marcas e sua identidade neste universo diferente do seu.

Desde muito tempo a arte se fez presente na existência humana e desta forma muitos concepções foram sendo construídas de acordo com as peculiaridades de cada povo. Neste sentido sua definição passa a ter conceitos complexos relacionados não só ao ser que produz objetos como também na receptividade e análise dos mesmos.

Segundo Ferraz e Fusari (1993), a Arte permite fazer, conhecer e expressar. Esta análise evidencia os pilares que permeiam a produção artística visual, bem como ao afirmar que além de se conhecer, que por sua vez já significa um saber muito amplo, o indivíduo se expressa e transfere sua subjetividade de forma abstrata ou não.

Já Para Buoro (2000, p. e 25), a Arte é compreendida como produto do embate homem/mundo, relatando, portanto que, a arte pode exercer um papel de caráter contestador, podendo de esta forma transformar-se em instrumentos de denúncia das mazelas sociais, assim assumiria um caráter mais objetivo e social. Este embate relacional promove a interação do homem frente à sua realidade, seja ela social física ou até mesmo psíquica. Logo, é possível compreender que Arte define-se como expressão, comunicação, e que por meio desta pode-se referir aos sentidos, pensamentos e emoções.

Ao perspectivarmos o Ensino de Arte para viabilizar a expressividade dos alunos surdos, no que se referem aos seus sentimentos, pensamentos e emoções, transcendendo-os para campo do visual, constituindo-se como elemento de expressividade da subjetividade, constata-se que a esfera educacional em específico a educação inclusiva, demanda muito

investimento no campo estrutural e de formação de profissionais e ainda, os livros didáticos e as propostas pedagógicas estão em descompasso com a nova realidade da educação inclusiva, sobretudo porque vivemos em um mundo permeado por tecnologia e que esta por sua vez pode ser uma aliada no ensino de artes dentre outras possibilidades como a exposição de imagens, possibilidades de produções e reproduções. Percebemos que a um desconexo do ensino de artes diante do contexto atual, utilizando apenas o livro didático e reprodução de imagens, sem ao menos analisá-las, que acaba sendo ineficiente para os alunos surdos, pois não contempla as peculiaridades da cultura surda. A revisão do currículo escolar e suas diretrizes são necessárias e pertinentes.

Assim é de extrema importância a criação e desenvolvimento de políticas públicas que viabilizem mudanças nas diretrizes e que possam incentivar a formação de professores e alunos em Libras vislumbrando a garantia e o acesso destes alunos no processo de ensino aprendizagem.

5. METODOLOGIA

Este estudo reflete o resultado de uma pesquisa de observação com abordagem de natureza qualitativa que, à priori apresentou peculiaridades e especificidades do estudo de caso. A análise deste quadro pautou-se no estudo de caso, com aproximações da pesquisa participante, na qual se constituem através do processo contínuo que ocorre ao longo do processo. De natureza qualitativa a pesquisa foi realizada analisando o tipo de material pedagógico e produção material.

A pesquisa foi realizada em um colégio estadual X situado na cidade de Posse, Goiás, com alunos surdos, professor regente e professor intérprete e com o propósito de identificar quais os desafios e quais as perspectivas do ensino de artes para alunos surdos do ensino médio regular em escola pública, analisar os processos pedagógicos e quais recursos materiais são utilizados pelos professores para ministrar suas aulas.

A instituição em foco, apresenta a abordagem bilíngue para os alunos surdos com metodologia de ensino de Língua de Sinais – LIBRAS como língua materna ou primeira língua – L1 e a língua portuguesa como segunda língua – L2. Quanto aos alunos, a

pesquisa, o estudo de caso, envolveu dois alunos do ensino médio que estudam na modalidade regular. Um dos discentes A.A.S.O. Possui irmãos com a mesma deficiência auditiva, de origem humilde, tem perspectivas de fazer curso superior. A.A.S.O. Possui a Surdez congênita, tem 19 anos, acha que o ensino de Artes Visuais não é bem sucedido para os surdos, utiliza libras há cinco anos. Ele afirma que produz muito pouco e considera importante o desenvolvimento de habilidades que valorizem a subjetividade, análise e produções de materiais. Para ele o ensino com imagens seria mais enriquecedor na aprendizagem e interpretação de conteúdos por meio das tecnologias e não só pelo livro didático.

P.Y.M é surdo desde seu nascimento, tem dezesseis anos, possui a surdez severa bilateral, e acha que o ensino da disciplina é mediano, precisando de direcionamento na parte da análise e abordagem do ensino de artes visuais no que se refere a produção e reprodução, com suas inferências e interpretações bem peculiares da cultura surda. Gosta muito de desenhar, porque pode se expressar de forma mais objetiva. P.Y. M ressalta que é importante oportunizar nas aulas produções e análises de imagens por meio do celular ou facebook. Considera sua comunicação com a intérprete satisfatória, aborda que as aulas de artes aproveitassem mais as habilidades de produção visual e não apenas teórica.

A pesquisa foi realizada também com a intérprete com proficiência goiana S.S.A.F. S, professora que trabalha com surdos desde 1999, acompanhando o P.Y desde a 2ª série e o A.A.S. O a partir da 6ª série. Para ela a transmissão do conhecimento do ensino de artes visuais para alunos surdos do ensino médio é voltada para aprendizagem de ouvintes, ressaltando que as aulas são curtas e não atendem suas particularidades. Aborda que a metodologia pedagógica utilizada pela professora regente não é adequada para atender os surdos pela falta de direcionamento e falta de formação, por desconhecer LIBRAS que neste caso é o canal de comunicação. Os alunos sentem mais dificuldades na parte teórica do ensino de artes visuais, que por sua vez utiliza o português, mas são fascinados pelo processo de produção e análise oral das imagens. A língua portuguesa é difícil para eles, pois os signos e a organização sintática da língua diferem de LIBRAS.

A professora regente L.L. O descreve que o processo ensino aprendizagem para alunos surdos não é fácil, não conseguindo transmitir bem os conteúdos por não dominar libras. Sente dificuldades na abordagem teórica, na proposta de análises e produções e na produção textual. Reconhece que ao preparar as aulas planeja-as pensando somente nos alunos ouvintes, atesta que o ensino seria mais satisfatório em uma escola especial.

Quando transmite um conteúdo percebe que eles compreendem muito pouco a disciplina. Para ela a Surdez é uma diferença e deficiência por serem portadores de uma deficiência física, e diferente por estarem entre auditivos.

A abordagem de artes visuais voltou-se para a proposta de análises de uma determinada imagem específica e contextualizada com os conteúdos curriculares do ensino de artes, trabalhados em LIBRAS com auxílio de vários artefatos didáticos. Foram utilizados imagens com linguagem mista, câmera fotográfica, câmera filmadora e recursos impressos para interpretação e o livro didático.

A coleta de dados ocorreu por meio de observações e filmagens, em duas semanas de atividades de Artes visuais. As atividades ocorreram nos meses de Maio e Junho. Propusemo-nos a investigar se a Comunicação visual com o auxílio da imagem proposta e do livro didático como recurso auxiliador e aliado à tecnologia (sites de imagens e vídeos como o Google e o Youtube) e o quadro de escrever pois este pode contribuir para o processo de inclusão do surdo e, facilitando o processo de ensino e aprendizagem de artes visuais para esses alunos surdos culminando na análise, produção e reprodução de imagens.

O que fica evidente nesta pesquisa de observação com abordagem de natureza qualitativa, é que o professor de Artes Visuais deve primeiramente motivar os surdos para a produção, valorizando e reconhecendo suas especificidades e recursos peculiares da cultura surda presentes nas análises dos alunos surdos em estudos e a posterior a interpretação teórica de imagens. É imprescindível a utilização da língua de sinais no processo ensino aprendizagem, pois é por meio dela que o surdo faz a leitura do mundo em primeira instância, para suceder a leitura da imagem e da palavra.

O Ensino de Artes para alunos dos surdos deve ser efetivamente em língua de sinais, independentemente dos espaços em que se desenvolva, sendo utilizados materiais adequados e uma metodologia que atenda suas necessidades educacionais. Deve haver a promoção de uma educação sustentada nos quatro pilares do conhecimento propostos pela UNESCO: aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser.

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O quadro educacional atual demanda de uma política séria, que seja eficaz e eficiente, pois ao se analisar a vigente situação da esfera educacional o que se percebe é que realmente há uma grande defasagem no que se refere à estrutura física e pedagógica das unidades escolares frente ao contexto contemporâneo que por sua vez vivencia uma grande mudança de paradigmas e concepções com relação às realidades das escolas que por sua vez são heterogêneas e demandam mudanças urgentes principalmente quando se trata de educação especial.

Partindo desta premissa a pesquisa surgiu da necessidade em propiciar o contato com esta realidade da educação especial no tocante ao ensino de artes visuais para alunos surdos, estabelecendo pontos peculiares para análise de quadros e textos propostos através de diversos portadores textuais.

O acesso a estes textos sugeridos é bem significativo, se levarmos em consideração a grande gama de possibilidades que estes textos oferecem, sem levar em consideração aos diversos textos criados e recriados por este público juvenil de surdos que preferem estes portadores textuais visuais. Ao se propor o trabalho de leitura e análise de obras artísticas através destes portadores fomenta justamente a necessidade de um processo que valorize e aproxime os conteúdos considerados básicos e tradicionais de acordo com as diretrizes educacionais de forma mais próxima da realidade, do cotidiano dos nossos alunos que são jovens e que vivenciam e utilizam estas realidades.

A pesquisa se propôs a elencar alguns problemas concernentes aos desafios e perspectivas do ensino de artes para alunos surdos do ensino médio regular acarretados muitas vezes a falta de interesse, formação e políticas de implementação para alunos com deficiências auditivas. A sugestão de leitura de obras sobre o tema é pertinente e válido através de novos portadores textuais e novas maneiras de se trabalhar técnicas voltadas para o entendimento de análises de quadros visuais de forma a incitar o gosto pela leitura, além de apresentar as diversas possibilidades de leituras de textos e imagens num processo de Leitura comparada.

Como o presente instrumento estabeleceu pilares para a realização da proposta de intervenção vários objetivos foram traçados de acordo com a demanda e necessidade desta esfera. Portanto, aspirou-se através da proposta de intervenção contribuir para despertar o gosto pela leitura e o gosto pelas artes visuais e que propriamente aprendam a ler e interpretar através de textos, as diferentes linguagens (verbal e não verbal) por vários ângulos, relacionando a sua vivência e que colabore na formação de cidadãos competentes e desta forma ofertar o contato com vários universos do Ensino de Artes para surdos com suas peculiaridades e complexidade.

Uma grande dificuldade durante a aplicabilidade do projeto foi à disponibilidade do tempo por parte do professor regente e aquisição dos materiais necessários para a produção dos quadros e análise dos mesmos pela sua complexidade e linguagens subjetivas e implícitas. Observou-se que os alunos surdos tiveram dificuldades para entender as linguagens existentes no ensino de Artes Visuais, sendo que estes não conheciam os princípios básicos da análise de uma obra de arte e os elementos típicos da arte. Instigar a capacidade de interpretação e de inferência por parte dos alunos foi o grande desafio, mas o desempenho e interesse por parte dos alunos foi surpreendente e instigador para a realização de muitos projetos como este com novas perspectivas.

7. CONCLUSÃO

Diante dos pressupostos, conclui-se, portanto que o Ensino de Artes para alunos surdos deve contribuir primordialmente para a construção de cidadãos capazes de analisar e inferir frente às diversas realidades e vivências e que contribui para a formação do ser humano tanto físico como psicologicamente, amplia horizontes e faz com que o leitor conheça novas culturas, novos traços, peculiaridades da Arte.

A escola precisa ter como objetivo o desenvolvimento de capacidades que tornem seus alunos capazes de integrar a uma comunidade de ouvintes, onde compartilhem práticas culturais diversificadas, onde vivenciem situações diferentes em portadores virtuais existentes adequando aos propósitos e às características de gêneros e produzam com diferentes situações e intenções, na perspectiva de propiciar futuros artistas visuais.

O Ensino de Artes Visuais no que cerne o uso da imagem, de Artes facilitou e propiciou diversas formas de explorar o universo das Artes, uma vez que há uma gama de possibilidade de inferências frente às distintas linguagens e os diversos portadores que o mesmo apresenta. É de fundamental importância que o educador conheça a maneira como o aluno apreende, para assim propor atividades desafiadoras e estimulá-los com sugestões para o prosseguimento de suas investigações. É preciso acreditar na educação como ferramenta de transformação, mas é preciso rever a política do processo de aquisição do conhecimento. O contexto atual reflete as demandas da educação sob o olhar dos jovens. Utópico pensar que vamos sanar com os desafios do ensino de Artes para alunos surdos através destas habilidades propostas ao longo do projeto, mas com certeza vamos amenizar e equiparar a atual situação do processo de construção e produção de Artes da leitura entre os jovens de forma significativa, eficiente e eficaz.

Pimenta (2001: 24), ator surdo brasileiro, declara que “a surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana”. Essa perspectiva deve prevalecer na educação.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, Valéria Amorin, (org); SOUZA, Regina Maria; SILVESTRE, Núria- *Educação de surdos;*

BARBOSA, A.M. *A imagem no ensino da arte.* São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BOTELHO, Paula – *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*, 3ª edição, Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2010;

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Tradução de: Edilson A. da Cunha. Brasília: CORDE, 1997.

_____. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica.* Brasília: MEC/SEESP, 2001.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.* Lei nº 9394/96, 20 de novembro de 1996. Brasília: MEC, 1996

BRASIL, ADAPTAÇÕES CURRICULARES. *Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais.* Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília 1999.

CORRER, Rinaldo- *Deficiência e inclusão e social: construindo uma nova comunidade,* Bauru (SP), editora Edusc, 2003

FERNANDEZ, Eulália (org); Quadros, Ronice Muller...(et al).-*Surdez e Bilinguismo,* Porto Alegre, 3ª edição, editora Mediação, 2010.

GOLDFELD, Márcia - *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista,* 2ª. Edição- são Paulo, editora Plexus, 2002;

LOPEZ, Maura Corcini- *Surdez e educação,* Belo Horizonte, editora Autêntica, 2007.

MAZZOTA, Marcos J. S- *Trabalho docente e formação de professores de educação especial,* São Paulo, editora EPU, 1993.

SALLES, Heloisa Mario Moreira Lima (et al.)- *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica,* volume 1; Brasília: MEC, SEESP, 2004;

SANTANA, Ana Paula- *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas,* São Paulo, editora plexus, 2007;

SCHRAMM, M. L. K. *As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da*

Arte, Reflexões sobre o ensino das artes. Joinville: Ed. Univille, 2001. v.1, p. 20-35. In: PILLOTTO, S. S. D. SCHRAMM, M. L. K. (ORG.).

SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKYE, Samira; GESUELI, Zilda Maria-
Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades, 2ª edição, São Paulo, editora Plexus, 2003.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus*. 2007. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes – USP, São Paulo.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Juntamentos de defectologia*. Obras escogidas V. Madri: Visor, 1997.

<http://www.pedagobrasil.com.br/educacaoespecial/inclusaoexclusao.htm> acesso em 13/09/2014

<http://www.crfaster.com.br/auditiv.htm> acesso em 15/08/2014

<http://www.mundoeducacao.com/doencas/surdez.htm> acesso em 19/10/2014.

<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigo&idt=art&cat=7&idart=36> acesso em 25/10/2014.

ANEXOS:**ANEXO 1-ENTREVISTA COM ALUNOS SURDOS DO 2º ANO DO
ENSINO MÉDIO REGULAR**

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Desde quando você é surdo?
- 3) Fale sobre seu tipo de Surdez.
- 4) Você acha que o ensino de artes visuais para vocês é bem sucedido ou falta mais direcionamento devido as aulas serem voltadas para os ouvintes?
- 5) Gosta da disciplina (Artes)?
- 6) Você costuma produzir imagens e analisa-las? Em quais portadores?
- 7) Que tipos de imagem e com que frequência você as vê?
- 8) Onde realiza essas e análises?
- 9) Sente dificuldade em analisar, interpretar imagens, quais?
- 10) Quais objetivos que acham importantes de desenvolver nas aulas de Artes:
() Ler; () escrever; () traduzir para Libras; () entender as imagens () produzir
- 11) Você usa constantemente a comunicação com a Libras?
- 12) Sua comunicação com a interprete é satisfatória?
- 13) Sua comunicação com os demais profissionais da educação é satisfatória?
- 14) Como acha que deveriam ser as aulas de Ensino de Artes Visuais?
- 15) O que pensa do Ensino de Artes visuais?
- 16) Você acha que o ensino em uma escolar regular é a mais eficiente para os surdos?
- 17) Qual é o foco das aulas: a escrita, a leitura, ou a produção de imagens?
- 18) Como você vê a Surdez como deficiência ou diferença? Explique.

ANEXO 2- ENTREVISTA COM O INTÉRPRETE

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Há quanto anos trabalham com alunos surdos A.A.S. O e P.Y. M?
- 3) Quando começou trabalhar com os alunos?
- 4) Qual é a sua opinião sobre o ensino de Artes visuais no 2ºano do ensino médio regular para estes dois alunos?
- 5) Houve muitos avanços desde sua inicialização do trabalho com eles perante o processo ensino aprendizagem?
- 6) A metodologia pedagógica utilizada pela professora de Artes é a mais adequada para atender a diferença de ambos?
- 7) Em quais conteúdos percebe que sentem mais dificuldades?
- 8) Como você percebe que eles lidam com a diferença?
- 9) Quais são suas dificuldades em ensinar artes para esses dois alunos e como a professora lida com essa situação?
- 10) Você se comunica com eles usando a Libras?
- 11) Você domina a Libras? Qual é sua formação?
- 12) Qual para você seria ideal para os alunos surdos, uma escola regular ou uma escola própria para eles?
- 13) Qual é o foco das aulas: a escrita, a leitura, ou a análise e produção de imagens?
- 14) Como você vê a Surdez, como deficiência ou diferença? Explique.

ANEXO 3- ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE ENSINO DE ARTES**(VISUAIS)**

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Como você descreveria o processo do ensino para os alunos surdos do 2º ano médio regular?
- 3) Quais conteúdos são mais difíceis de ensinar para eles?
- 4) O processo de ensino- aprendizagem para eles é eficiente, levando em consideração que as aulas são direcionadas para os ouvintes?
- 5) Você se comunica com ele usando a Libras?
- 6) Você acha que o ensino seria mais satisfatório em uma escola própria para eles?
- 7) Percebe dificuldades enfrentadas pelos alunos na aprendizagem? Quais?
- 8) Qual é o foco das aulas: a escrita, a leitura, análise e produção de imagens?
- 9) Como é ensinar Artes para alunos surdos?